

*DE ELAINE PAUVOLID*

I

O cão procura o dono  
Como o homem, a chave

II

O silêncio como contorno da mão

Ao silêncio o vasto e lento não  
o contorno como solução da mão  
o silêncio como contorno da mão  
o verso, a fronteira, o nunca  
senão contorno.  
O vazio, não.

O silêncio como contorno da mão.

III

Noite

A madrugada é só  
O som de meus passos  
E minha risada a espera  
De garrafas de chegada  
Talvez a que tarda  
Seja algo de mim, que aguarda.

IV

Sofre em mim uma ilusão  
Perene cheia de mágoas  
Numa fonte lúcida de vida.

A máscara que carrego  
Segue estriada. Nem sorriso,  
Nem mortalha nas rugas espelhadas.

Na flacidez deste rosto  
Uma multidão a verdade me crava.

Não sofre em mim  
Vento algum, nem força nenhuma  
Só vertigem e lugar.

V

Ciência de Morta

Emergir do ocaso  
Sem encontrar a margem  
Que me faz redoma  
Acompanhar o parto  
Com ciência de morta.

VI

Prece

Vós de corações tão duros  
Tão sem dentes vossas almas  
Tão profundas cicatrizes  
Tão sem medo os motivos,  
Ficai à vontade no mundo vosso,

Que nós, os humildes, os mutilados, os tristes  
A outro mundo seguimos  
E somos mudos.

## VII

A barca

O chumbo do mar movimentava-se  
A fumaça ajudava  
A cor a ser chumbo  
O mar a ser mar.  
O ato da barca  
De tomar pessoas a bocadas  
Ajudava barco ser lâmina  
No chumbo da água.

## VIII

Travessia

Venho flor náufraga  
Na vastidão do abandono  
Entregar-me outra  
Na folhagem em que esbarro  
Quimera e caso perturbam  
O rosto outrora e para sempre plácido.  
Cavam dedos-espátula o verde musgo aquático.  
Abre-se a sombra bem mais  
Deserta. Atravesso a toca de hastes.  
Do outro lado me encontro.  
O sol e o mar esperam-me calmos.

IX

Anátema

Palavra tema corpo pedra poema  
Esfera densa sobre cais  
Voz esquecimento  
prenhe de transparência

No silêncio escolho  
Profundidade, outro olho.

A voz orvalhada não se prende  
A constatações construtivistas.  
Tece abandona, qual nome, assomo.

Sem glórias, só prenome,  
Voz, interlocutor constante.  
Cega, fala, canta e dança  
Refaz-se toda noite  
Co-substancia em versos aristocráticos,  
Desconexo sobre o rio ferruginoso,  
Todas as dores do mundo  
A espera do salto.

X

As coisas acontecem para mim no espaço entre o espelho e o  
[ar.